

# RESENHAS

Oakdale, Suzanne. 2005. *I foresee my life: the ritual performance of autobiography in an Amazonian community*. The University of Nebraska Press.

Jeffrey Gorham

Doutorando em Antropologia Social  
Universidade Federal de Santa Catarina

*I foresee my life* é uma etnografia sobre dimensões performáticas de autobiografias indígenas brasileiras. Oakdale examina as práticas discursivas em narrativas e o mundo sonoro nos cantos dos índios kayabi do Xingu, demonstrando como autobiografias contribuem para a praxis social e agência ameríndia. A autora destaca a importância das narrativas autobiográficas como exemplo de gêneros da fala e instrumentos transformativos e de poder. Ela demonstra como as autobiografias realizadas em contextos ritualizados, tais como atividades cerimoniais do pátio, têm um papel relevante na construção da pessoa e corpo e são indissociáveis à liderança e etnicidade contemporânea enquanto fundamentais para seu conhecimento sobre a cosmologia.

Oakdale é excepcionalmente sensível ao lado performático das narrativas kayabi, interpretando-o como áreas de mediação interpessoal nos rituais e curas xamanísticas, na arena política e relações interétnicas. Seu enfoque resume a dois tipos de falas e cantos: 1) os cantos xamanísticos e curativos mais reconhecidos no Xingu como *maraká* e *jawosi*; e 2) as narrativas autobiográficas e oratória usadas pelos líderes tradicionais e progressistas nos contextos políticos. Ela compara e contrasta as autobiografias de lideranças tradicionais e “novas” e oferece uma perspectiva performática sobre como esses relatos e narrativas estimulam noções de agência, *self* e praxis social. Ela argumenta que as autobiografias são um gênero da fala usado

entre os dois tipos de lideranças numa tentativa de persuadir o grupo local sobre seu domínio no conhecimento de tradições kayabi e a maior capacidade de interagir com a sociedade nacional.

O livro está dividido em três partes. A primeira introduz o leitor ao *background* histórico dos kayabi, essencial para entender sua situação atual e alguns eventos e mudanças recentes mais importantes. A autora inicia o texto indagando como os kayabi têm lidado com a tensão entre ser um “índio genérico”, que possui ou não uma “cultura” imposta artificialmente pelo exterior, ou um grupo procurando se relacionar com o exterior. Ela demonstra como os temas das falas das lideranças negociam sua identidade com os brancos e interrogam sobre a noção de pureza e índios do Xingu que possuem uma cultura diferenciada, afastando a idéia de ser um povo sem história, congelado no tempo.

A segunda parte define os mecanismos de agenciamento kayabi numa análise sobre as performances autobiográficas em formas coletivas de narrativas pessoais, discursos políticos, cantos *Jawosi* e curas xamânicas *maraká*. Oakdale interpreta estas performances como respostas aos brancos, numa elaboração de representações sobre a cultura indígena xinguana (28). Neste contexto, os temas da performance reforçam idéias sobre a reafirmação de etnicidade e poder transformativo nos cantos *Jawosi*. Oakdale propõe que tais rituais constituem uma teoria do perspectivismo ameríndio no sentido da relação que os cantores têm com os mortos e os outros. Tal relação implica um “ponto de vista” novo do inimigo que, por sua vez, faz parte da sua sociedade e é necessário para a reprodução sociocultural no presente.

Na última parte do livro, Oakdale desenvolve uma teoria dialógica sobre a noção da pessoa (*self*) e ciclo da vida kayabi por meio dos gêneros da fala. Ela retoma o perspectivismo sob a ótica da interação entre o *self* e o ponto de vista do Outro. Em vez de analisar os aspectos formais dos gêneros da fala, Oakdale destaca o caráter dialógico (Bakhtin) e performático (Bauman) da performance do *self*. Desta forma, as narrativas são interpretadas como praxis social e instrumentos para suas lideranças.

Como o título indica, as performances dão uma “previsão” sobre a vida kayabi. A idéia de *I foresee my life* descreve este processo de “alinhamento intersubjetivo” nas narrativas autobiográficas através dos tempos. As técnicas da fala dos líderes ou dos cantos e transformações corporais xamânicas buscam citações associadas aos eventos do passado, numa sociabilidade voltada para o exterior e enraizada no mundo invisível a serem aplicadas aos sujeitos e contextos atuais. A fabricação da pessoa, entendida pela autora como identidade indígena nas auto-representações contemporâneas, depende da circulação dessas vozes alheias e transitórias. Tudo isso dá a impressão de que o futuro, para os kayabi, é serem criados nas práticas oratórias e processos que mantêm uma importante dimensão temporal, no sentido da transmissão das experiências das lideranças e xamãs.

O que se pode argumentar sobre a obra é que um estudo sobre autobiografia e gêneros verbais, que aborda questões fundamentais sobre a linguagem e seus usos, precisaria ter uma fluência apurada na língua nativa, o que a autora não possui. De fato, o seu nível de análise poderia ter sido mais aprofundado se a pesquisa fosse realizada na língua do grupo pesquisado. Por outro lado, os índios brasileiros estão cada vez mais aprendendo a língua portuguesa, e inclusive muitas vezes nós ignoramos o fato de que eles estão aperfeiçoando os “estilos da fala” dos brancos. Neste caso, a autora tem sido bastante cuidadosa e sensível quanto ao mundo discursivo e pensamento kayabi. Os leitores reconhecerão o esforço de Oakdale ao interpretar os gêneros da fala e performances musicais kayabi.